

A soberania do feijão

Rogério Luiz Backes¹ e Silmar Hemp²

O feijão é certamente o alimento mais característico e peculiar da alimentação dos brasileiros, considerado o ingrediente símbolo da gastronomia brasileira, e importante fonte de proteína e carboidratos na dieta de vários povos. O Brasil rivaliza com a Índia pelo título de maior produtor e maior consumidor mundial de feijão. Entretanto, nessas estatísticas são considerados de forma conjunta distintos grupos ou tipos de feijão.

Tipos de feijão no Brasil

No Brasil, predomina o cultivo e consumo de duas espécies: *Phaseolus vulgaris* e *Vigna unguiculata* (Salvador, 2011). As regiões Nordeste e Norte são tradicionais produtoras e consumidoras de *V. unguiculata*, popularmente conhecido como feijão-caupi, feijão-de-corda ou feijão-macáçar. O feijão-fradinho, preferencialmente utilizado no preparo do acarajé, pertence à mesma espécie e é uma variante de grãos brancos com hilo preto. Apesar de pouco conhecido na região Sul, a produção anual brasileira de feijão-caupi é superior a 1 milhão de toneladas, fazendo do Brasil o 3º maior produtor mundial. Aspectos ambientais e conjunturais recentes incentivaram a expansão do cultivo de *V. unguiculata* no Cerrado brasileiro, ampliando a produção, parte da qual é exportada. Contudo, no Nordeste há *deficit* permanente de feijão-caupi, que vem sendo suprido com feijão-comum, oriundo de outras regiões, situação que influenciará nos hábitos de consumo futuros da população daquela região (Freire Filho et al., 2011).

A espécie mais cultivada e distribuída em todas as regiões brasileiras é *P. vulgaris*. Nela, de forma análoga à *V. unguiculata*, há grande diversidade genética. Nativa das Américas, mas não do Brasil, é dividida em dois grupos gênicos: Andino e Mesoamericano. A característica primordial de diferenciação

deles se refere ao tamanho dos grãos: o grupo andino tem grãos maiores e é preferido em alguns países tropicais da América do Sul e na América Central. No Brasil, o grupo comercial jalo exemplifica a presença de feijões do grupo gênico Andino. Contudo, pelo volume de produção, o País centra sua preferência nos feijões do grupo gênico Mesoamericano, cujos grãos são menores comparativamente ao grupo Andino.

Os cultivares de feijão, no Brasil, são classificados de acordo com a cor dos grãos nos seguintes grupos comerciais: carioca, preto, branco, jalo, rosinha, mulatinho, roxo e outros. Em alguns casos, por conveniência, os grupos são resumidos a dois: “preto” e “de cor”. Os feijões de cor representam mais de 80% da produção nacional (*P. vulgaris*), podendo-se afirmar que a maior parte desse percentual diz respeito ao feijão do grupo carioca (Figura 1). Destaca-se a adoção do termo “feijão” quando se trata de *P. vulgaris*, acatando a orientação da Comissão Técnica Sul-Brasileira de Feijão (CTSBF), discordando, assim, do uso de “feijão-comum”, já que os demais feijões incorporaram nomenclaturas que os diferenciam, como feijão-de-corda e feijão-caupi.

O Brasil produz volumes mais expressivos de feijão-caupi, feijão-preto e feijão-carioca. A região Sul é a principal produtora do grão, respondendo por mais de 30% da produção nacional, sendo, no grupo preto, responsável por mais de 80% da produção (Figura 2). O Sudeste é o segundo maior produtor de feijão, com aproximadamente 25% da produção nacional, seguido pelo Nordeste. Esses dados mostram que, mesmo com o aumento da importância da região Centro-Oeste como produtora de feijão, não houve forte migração do cultivo de feijão para ela, como propagado algumas vezes (Wander, 2012; Salvador, 2011).

A semeadura de feijão ocorre em três épocas, a saber: “das águas” (1ª safra), “da seca” (2ª safra) e “de inverno” (3ª safra). No entanto, em razão da grande variação ambiental entre as regiões produtoras, o Brasil expressa seu potencial de produção e particularidade com colheita de feijão nos 12 meses do ano. Especificamente no caso do feijão-preto, a quantidade colhida nos meses de agosto a novembro é pequena, pois o clima da região Sul, principal produtora, praticamente não permite o cultivo da 3ª safra. Já no feijão do grupo carioca

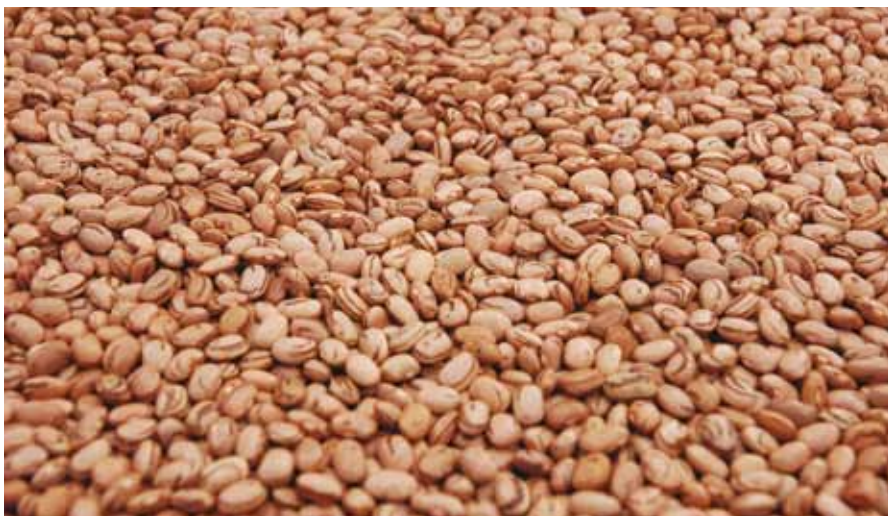


Figura 1. Feijões do grupo carioca ou de cor representam mais de 80% da produção nacional

¹ Engenheiro-agrônomo, Dr., Epagri / Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar, C.P. 791, 89801-970 Chapecó, SC, e-mail: backes@epagri.sc.gov.br.

² Engenheiro-agrônomo, M.Sc., Epagri / Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar, e-mail: hemp@epagri.sc.gov.br.



Figura 2. Região Sul do Brasil é a principal produtora de feijão-preto

ca a quantidade colhida é mais estável, pois na saída do inverno ocorre a colheita da 3ª safra, com forte participação da região Centro-Oeste. Os demais são supridos com a 1ª e a 2ª safra das diferentes regiões, que possibilitam colheita de dezembro a maio.

De forma análoga à produção, o consumo dos grupos comerciais é diferenciado entre as regiões. A região Sul e o estado do Rio de Janeiro consomem preferencialmente o feijão-preto, enquanto nos demais estados há preferência pelo feijão-carioca. Merece destaque o fato de o grupo carioca ser quase uma exclusividade brasileira. Há quatro décadas o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) lançou o cultivar Carioca, cujo grão de fundo creme e listras marrons enfrentou resistências e suscitou dúvidas de agricultores e consumidores, acostumados a grãos de cor única. Decorrido algum tempo, a denominação “carioca” passou a ser um grupo comercial, com dezenas de cultivares, tal como SCS202 Guará, desenvolvido pela Epagri e recomendado para o cultivo em toda a região Sul do Brasil. Apesar do sucesso no Brasil, a aceitação do grupo carioca fora de suas fronteiras é pequena.

Importação, armazenamento, produção

Como o feijão-carioca é basicamente consumido no Brasil, o comércio internacional é inexpressivo, explicando, parcialmente, o maior valor comercial

desse grão comparativamente ao preto, que tem consumo, produção e mercado internacionais. A demanda nacional supera a produção e, lamentavelmente, o país do feijão figura como 5º maior importador mundial. Importa-se, especialmente feijão-preto, de países como China, Argentina e Bolívia (Salvador, 2011).

Outra peculiaridade do feijão é a rápida perda de qualidade dos grãos com o armazenamento e a consequente perda de valor comercial, principalmente do grupo carioca. Por isso, especulações que apontam para uma possível migração sistemática do cultivo de feijão para o Centro-Oeste não deverão confirmar-se, pois limitariam a possibilidade de feijão “novo” ao longo do ano. A severa ocorrência de pragas também tem limitado a expansão do cultivo de feijão nessa região. A questão da perda de qualidade do grão também limita a formação e a importância de estoques reguladores. Além disso, as possibilidades de utilização alternativa de grãos “velhos” são limitadas. Assim, o atendimento da demanda de um dos alimentos mais básicos e importantes da dieta alimentar brasileira fica atrelado também à disponibilidade do mercado internacional e à cotação do dólar. Ademais, pairam dúvidas sobre a qualidade de feijões de determinadas origens.

Afirmativas de que “todo agricultor sabe cultivar feijão” parecem incabíveis quando se compara o potencial produtivo da cultura, acima de 6t/ha (Hemp et al., 2007), com a produtividade média brasileira, que está abaixo de 1t/ha,

ou a produtividade catarinense, que há anos oscila entre 1,3 e 1,6t/ha (Síntese, 2012). Por outro lado, verifica-se que a disponibilidade de novos cultivares tem agregado em torno de 1% ao potencial produtivo ao ano, segundo estudo realizado em Santa Catarina (Elias et al., 2005). Diferentemente de outras culturas produtoras de grãos, a geração de tecnologias para o cultivo do feijão é realizada quase exclusivamente pelo setor público. Por motivos diversos, ao longo dos últimos anos houve uma redução drástica no número de especialistas tanto na pesquisa quanto na extensão rural dedicados à cultura, merecendo em muitas menções o título de “cultura órfã”. Tem-se verificado uma série de limitantes à produção de feijão ligadas a qualidade e renda, entre os quais se destacam qualidade de sementes, doenças, controle de plantas daninhas e deficiências/dificuldades de colheita. Os problemas ocorrem de forma generalizada, mas há um grupo de agricultores que domina de forma eficaz a tecnologia de produção e está se profissionalizando em feijão, obtendo altos lucros. O feijão é uma cultura sensível e ao mesmo tempo responsiva ao ambiente e ao manejo. Portanto, o agricultor que souber manejá-la corretamente vai obter bons rendimentos com a atividade.

Com vistas a potencializar o trabalho, as instituições que desenvolvem atividades de extensão rural e pesquisa com feijão na região Sul do Brasil têm buscado atuar de forma cooperada, articulando-se por meio da CTSBF. Como exemplo de resultados obtidos a partir dessa cooperação, cita-se o registro e a recomendação de novos cultivares de feijão oriundos de instituições que compõem a CTSBF, ampliando o leque de opções aos agricultores catarinenses. Simultaneamente, tem ocorrido cooperação técnica permitindo, por exemplo, a elaboração do documento *Indicações técnicas para o cultivo de feijão na Região Sul brasileira*. Mesmo com esses esforços, não há caso similar de carência de tecnologias e informações em outras culturas, com nível semelhante de importância estratégica. ▶

Consumo de feijão

Na média dos últimos anos, o Brasil tem consumido mais de 3,2 milhões de toneladas de feijão ao ano. Em 2007, no entanto, houve forte queda no consumo (2,8 milhões de toneladas), reflexo da baixa oferta do produto, já que a produção nacional foi de aproximadamente 2,7 milhões de toneladas. As estimativas de produção para 2013 foram contraditórias: fontes do governo federal estimaram inicialmente 3,3 milhões de toneladas, mas especialistas de mercado já no início da semeadura apontavam menos de 3 milhões, o que está se concretizando. As recentes altas, com picos de R\$250,00/saca de feijão-carioca, indicam que o mercado prevê escassez interna e não há disponibilidade desse produto no mercado internacional. Entretanto, no caso do grupo preto, as altas serão contidas com sua importação. A conta será dividida por todos e, devido ao impacto na inflação, o reflexo será sentido, em especial, pela população de menor renda, pelo aumento no valor da cesta básica. Então, surge a pergunta: o consumo *per capita* de feijão está caindo? Por quê? Dados apresentados pelo pesquisador Alcido E. Wander (2012), da Embrapa, em Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Feijão, indicam que o consumo *per capita* atual é inferior ao das décadas de 60 e 70, mas vem se recuperando desde 1990, e atualmente está próximo a 17kg/ano. O cenário para 2013/14 é de escassez, o que poderá limitar a demanda e o acesso por parte da população.

Perspectivas regionais

A escassez de mão de obra e o custo da colheita manual ou mesmo semi-mecanizada foram e ainda são entraves ao cultivo de feijão em Santa Catarina, especialmente nas pequenas e médias propriedades. Por outro lado, nas duas últimas décadas, verificou-se migração do cultivo de feijão para grandes áreas, em que a colheita é mecanizada. A disponibilidade de colhedoras automotrizas capazes de realizar de forma eficaz a colheita de feijão esteve por anos restrita a poucos produtores. Entretanto, a conjuntura agrícola ampliou o acesso

e esse tipo de equipamento e, conseqüentemente, cada vez mais a colheita de feijão está sendo mecanizada e terceirizada. Tem-se verificado na região de Chapecó, por exemplo, que o feijão volta a ser considerado uma opção por agricultores que por vários anos não o cultivavam (Figura 3).



Figura 3. Feijão volta a ser uma alternativa viável aos agricultores da região Oeste Catarinense

As peculiaridades quanto a qualidade e características dos grãos (e a perda delas em função do tempo de armazenamento), as limitações da oferta no mercado internacional e o aumento da demanda (aumento do consumo *per capita* e da população) são fatores que dão apoio a uma perspectiva de manutenção e possível incremento da produção de feijão na região Sul brasileira. Santa Catarina tem em seu território algumas das regiões com maior potencial produtivo de feijão (não irrigado) do Brasil, fazendo supor que poderá experimentar avanços na área cultivada e na produtividade.

Referências

ELIAS, H.T.; BACKES, R.L.; HEMP, S. Progresso genético no rendimento de grãos de cultivares de feijão avaliadas em Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MELHORAMENTO DE PLANTAS, 3., 2005, Gramado, RS. **Anais...** Passo Fundo: SBMP, 2005.

FREIRE FILHO, F.F.; RIBEIRO, V.Q.; ROCHA, M.M. et al. Produção, melhora-mento genético e potencialidades do feijão-caupi no Brasil. In: REUNIÃO DE BIOFORTIFICAÇÃO NO BRASIL, 4., 2011, Teresina, PI. **Anais...** Rio de Janeiro: Embrapa, 2011. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstre->

[am/item/39360/1/Producaomelhora-mento.pdf](http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/39360/1/Producaomelhora-mento.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2013.

HEMP, S.; NICKNICH, W.; VOGT, G.A. et al. Ensaio Estadual de linhagens e cultivares de feijão do grupo carioca em Santa Catarina: VCU – Safra 2006/2007. In: REUNIÃO TÉCNICA DE MILHO E FEIJÃO, 4., 2007, Concórdia, SC. **Resumos expandidos...** Concórdia: Epagri, 2007. p.212-214.

SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA. Florianópolis: Epagri/Cepa. Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/Sintese_2010/sintese%202010_inteira.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2012.

SALVADOR, C.A. **Análise da conjuntura agropecuária, safra 2011/12 – Feijão**. 2011. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/fejao_2011_12.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2013. ■